



# SOLIDÃO E AMOR: É POSSÍVEL AMAR UMA MULHER NEGRA?

## LONELINESS AND LOVE: IS IT POSSIBLE TO LOVE A BLACK WOMAN?

Camila de Freitas Moraes Garcia<sup>1</sup>

Cristine Jaques Ribeiro<sup>2</sup>

Roseane Torres de Madeiro<sup>3</sup>

### RESUMO

O texto tem como fim discutir as dinâmicas dos relacionamentos afetivo-sexuais das mulheres negras, contextualizado a partir do racismo estrutural no Brasil. Ao utilizar dados históricos, políticos e sociais como material de análise, busca-se evidenciar os modos pelos quais opera a colonialidade no corpo das mulheres negras. A colonialidade refere-se aos sistemas de opressão, dominação e exploração que surgiram a partir do colonialismo e continuam a impactar as sociedades contemporâneas, especialmente em relação aos corpos das mulheres negras. O objetivo central é compreender como o racismo estrutural brasileiro influencia a construção e a vivências dos relacionamentos afetivo-sexuais dessas mulheres, muitas vezes resultando em sentimentos de solidão. Para tal análise, é adotada uma abordagem psicossocial que considera os aspectos históricos, sociais e psíquicos que moldaram a experiência da população negra no Brasil. A análise desses dados permite observar como as práticas coloniais continuam a influenciar as vidas das mulheres negras. Ao trazer à tona essas questões, o artigo contribui para uma reflexão crítica sobre as disparidades raciais e de gênero no Brasil, que contiguamente influenciam as práticas que regulam e disciplinam a vida da mulher negra, muitas vezes colocando-a em uma posição de nulidade ou preterimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor. Solidão. Mulher negra.

### ABSTRACT

The purpose of the text is to discuss the dynamics of the affective-sexual relationships of black women, contextualized from structural racism in Brazil. By using historical, political and social data as analysis material, we seek to highlight the ways in which coloniality operates in the bodies of black women. Coloniality refers to systems of oppression, domination and exploitation that emerged from colonialism and continue to impact contemporary societies, especially in relation to black women's bodies. The central objective is to understand how Brazilian structural racism influences the construction and experiences of these women's affective-sexual relationships, often resulting in feelings of loneliness. For this analysis, a psychosocial approach is adopted that considers the historical, social and psychic aspects that shaped the experience of the black population in Brazil. The analysis of this data allows us to observe how colonial practices continue to influence the lives of black women. By bringing these issues to light, the article contributes to a critical reflection on racial and gender disparities in Brazil, which contiguously influence the practices that regulate and discipline the lives of black women, often placing them in a position of nullity or neglect.

**KEYWORDS:** Love. Loneliness. Black woman.

<sup>1</sup> Doutora e Mestra em Política Social pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Graduada em Psicologia pela Escola Superior da Amazônia (Esamaz). E-mail: camilapsi.moraes@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Doutora e Mestra em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Graduada em Serviço Social pela UCPEL. E-mail: cristinejrib@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora e Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Psicologia pela Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: rose\_madeiro@yahoo.com.br.



“Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura” (bell hooks).

## 1 INTRODUÇÃO

As mulheres negras enfrentam uma série de desafios (Carneiro; Santos, 1985) e estão sujeitas a múltiplas formas de violações de direitos, o que frequentemente resulta em estatísticas alarmantes de feminicídio, violência doméstica, violência obstétrica, dupla jornada de trabalho, insegurança alimentar, hipersexualização dos seus corpos, dentre outras condições de precariedade que se amontoam devido à estrutura de poder estabelecida historicamente no processo colonial. Tal situação, ainda na contemporaneidade, continua a colocá-las em uma posição subalterna, em que enfrentam não apenas a desigualdade racial, mas também a discriminação de gênero.

Afirma-se, portanto, que o racismo tem um impacto devastador, causando danos emocionais, psicológicos e sociais significativos para a população negra, notadamente para as mulheres negras. Além disso, a sistemática racista ainda reforça as desigualdades estruturais, resultando em disparidades nas áreas de educação, saúde, oportunidades de emprego, acesso à justiça e em outros aspectos basais da vida (Souza, 2008).

E, nesse sentido, questiona-se: como o amor pode operar?

A mulher negra, a partir da herança histórica do período colonial, foi alicerçada profundamente pela via do não-ser, ou seja, ela carrega consigo uma bagagem de opressão histórica que se traduz em vivências cotidianas marcadas pela discriminação de raça e de gênero. Esses aspectos influenciam diretamente na maneira como elas se relacionam, amam e são amadas, justamente porque o racismo estrutural e o sexismo presentes na sociedade impõem obstáculos adicionais, muitas vezes dificultando o acesso a espaços de afeto e respeito, bem como impactando a autoestima e a construção da identidade dessas mulheres (Almeida, 2018).

Ainda é importante salientar que o amor aqui tratado perpassa pela construção social dos afetos (Hooks, 2015) e não por essa lógica romântica instituída pelos poderes-saberes que normatizam os corpos e os afetos. O amor enquanto construção sócio-histórica e afetiva pode vir a ser a possibilidade de desmitificar essa “noção outra de amor”, instituída e mercantilizada pelas estruturas coloniais, pelo racismo, patriarcalismo, sexismo e capitalismo que, enodados, normas e



comportamentos, geram impactos negativos na saúde mental e emocional das mulheres negras por não se enquadrarem nas categorizações dominantes passíveis de acesso ao amor.

A discussão sobre o amor interseccionado com raça e gênero suscita questões importantes, como a reflexão sobre qual tipo de mulher é socialmente valorizada e quais identidades são marginalizadas no contexto do amor. Além disso, ao abordar o amor na contemporaneidade, é crucial considerar os aspectos políticos, psíquicos, sociais e culturais que influenciam as dinâmicas afetivas e como essas dinâmicas podem ser transformadas para que possam vir a ser emancipatórias.

A proposta de uma desconstrução do modelo dominante de amor/amar, baseado em sistemas coloniais racistas, busca abrir espaço para experimentações afetivas que não sejam regidas por essas lógicas opressoras. Este artigo é um convite à criticidade sobre o conceito de amor e, para além disso, busca explorar outras formas de conexão, intimidade e afeto que escapem às imposições normativas, permitindo um encontro autêntico e libertador, sobremaneira, para as mulheres negras.

## **2 PRELÚDIO DO AMOR: COLONIALISMO E RACISMO**

A discussão sobre a metáfora do amor assume um caráter revolucionário em um contexto marcado por violências diárias, injustiças, precarização da vida e abandono, essencialmente no período da colonização. Esse período, além de ter sido um processo histórico de subjugação de povos e territórios, exerceu e ainda exerce uma influência profundamente arraigada na história afetiva dos corpos negros no Brasil. Os efeitos desse processo ressoam em várias esferas da sociedade contemporânea, moldando vínculos interpessoais, estilos de vida, práticas de exclusão, não escapando nem mesmo o amor e suas múltiplas facetas.

Por este ângulo, Rolnik (2014) destaca como as situações colonizadoras deixaram traumas profundos nos corpos das pessoas colonizadas, sobretudo nas mulheres negras. Esses traumas têm efeitos micropolíticos que impedem o pleno acesso ao próprio corpo devido à humilhação infligida pela cultura considerada superior. Esse tipo de humilhação, perpetrada pela cultura dominante, muitas vezes se expressa através de atos de violência, exclusão, hipersexualização, estupro, expulsão e morte, resultando em um estado de desterritorialização que, por sua vez, limita a capacidade para experienciar o amor em virtude das marcas deletérias do colonialismo e dos processos de mortificação que ainda se perfazem na atualidade sobre o corpo da mulher negra.



Nesse aspecto, na contemporaneidade, o significado do amor ressurgiu em uma imagem complexa e multifacetada, tocada pelo colonialismo, que permeia os lugares sociais ocupados por diferentes sujeitos, embora, aqui, debruçemo-nos sobre os corpos femininos e racializados. Entretanto, essa imagem instituída ao amor está associada aos espaços em que o sagrado pode ou não prevalecer, aos desejos no encontro/desencontro com o outro. Pode-se inferir assim que, segundo essa lógica do amor colonial, apenas as identidades sexuais que se encaixam nas normas cisheteronormativas e no ideal de branquidade, como define Bento (2017), são vistas como dignas de amar e serem amadas, ou seja, essa é uma construção social que posiciona a branquitude como um modelo de excelência, normalidade e superioridade. Esse ideal impõe um padrão a ser seguido, associando atributos como beleza, inteligência e moralidade à branquitude, ao mesmo tempo que marginaliza e inferioriza as identidades racializadas. Segundo Bento (2017), essa estrutura cria uma série de privilégios inconscientes para as pessoas brancas, enquanto opera pela exclusão de pessoas negras e outros grupos racializados dos espaços de poder e reconhecimento social. Essas são as territorializações que sustentam o conceito de amor que ainda persiste atualmente, reproduzindo hierarquias e exclusões profundamente enraizadas na estrutura social.

Sobre essa questão, Hooks (2000) explora as complexidades das relações afetivas, especialmente em relação às mulheres negras, analisando como elas são frequentemente confrontadas, não apenas com estereótipos e preconceitos relacionados ao gênero, mas também com as expectativas sociais que limitam suas possibilidades e opções de vida frente à raça.

Pontua-se aqui também que a construção estereotipada acerca da sexualidade e do corpo da mulher negra servia para legitimar a violência sexual e a exploração, reforçando a ideia de que as mulheres negras eram hipersexualizadas, desprovidas de controle sobre sua sexualidade e, portanto, disponíveis para a exploração sexual e para o estupro por parte dos homens brancos.

Como nos ditos de Hooks (1995, p. 496):

Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado.

Por este ponto de vista, Fanon (2008), em “Pele negra, máscaras brancas”, expressamente no capítulo “A mulher de cor e o homem branco”, pontua:



Porque, enfim, quando lemos no romance autobiográfico Jesuis Martiniquaise — “Gostaria de ter me casado, mas com um branco. Só que uma mulher de cor nunca é realmente respeitável aos olhos de um branco. Mesmo se ele a ama. Eu sabia disso” — temos o direito de ficar preocupados (Fanon, 2008, p. 53).

E isso consiste em dizer que a opressão sistêmica, derivada do processo escravocrata e das estruturas raciais discriminatórias, impacta profundamente o desenvolvimento emocional das pessoas negras, fundamentalmente as mulheres negras. E essas estruturas decorrem das relações díspares impostas ao corpo negro pela via do racismo, impedindo o florescimento de uma vivência plena do amor, afetando a maneira como as pessoas enxergam-se e relacionam-se.

Assim, o trauma histórico da escravidão, juntamente com as atuais manifestações de racismo e discriminação, afeta profundamente a autoestima, a autoimagem e a autoaceitação das mulheres negras. Esses padrões e crenças negativas, incorporados ao longo do tempo, impactam a capacidade de amarem a si mesmas e aos outros e a capacidade de receberem amor. Mbembe (2008) ainda enfatiza que o colonialismo coloca o racismo como um elemento fundamental que permeia todas as disparidades sociais. Ele argumenta que todas as formas de afeto, prazer, comportamento e construção de identidade são moldadas pela lente do racismo que se estrutura e se mantém mesmo após o fim da escravidão propriamente dita.

O autor ainda discute a noção de "necropolítica", um conceito que descreve como certos corpos são submetidos a formas específicas de poder que visam controlar suas vidas e, em última instância, levá-los à morte. Essa perspectiva ressalta como a vida dos corpos negros é constantemente colocada em risco, seja por meio de violência física, exclusão social ou outras formas de marginalização.

Dentro desse contexto, Mbembe (2008) sugere que a possibilidade do amor é negada ou severamente limitada para corpos e subjetividades negras. Apesar de o amor ser considerado um impulso para a vida, para esses indivíduos essa possibilidade é sistematicamente restringida ou subjugada pela estrutura racista e colonial, que perpetua a negação, a solidão e a violência, em vez de permitir que outros relacionamentos baseados no ato de amar possam vir a ser construídos.

Pode-se inferir, então, que a colonização, por meio de estruturas de poder e opressão, moldou não apenas as estruturas sociais, culturais e políticas, mas também as percepções afetivas, comprometendo a forma como o amor é entendido, sentido e vivenciado pelas mulheres negras.

Nessa mesma direção, a teoria psicanalítica de Freud (1914) descreve o conceito de "ideal do ego" como a forma da libido a ser direcionada para objetos de amor externos. O "ideal do ego" é, então, uma representação interna do que o indivíduo aspira ser, é como uma espécie de



idealização de si mesmo. Assim, o indivíduo investe energia libidinal em si mesmo, formando um "ideal de ego" baseado no amor e no apego a si próprio. A partir desse ponto, de acordo com a teoria freudiana, a libido é então progressivamente direcionada para objetos externos, como outras pessoas ou objetos, como parte do processo de crescimento psicosssexual.

Freud (1914) argumenta, ainda, que a escolha de um objeto de amor externo só ocorre após a construção do "ideal do ego", ou seja, quando o indivíduo já internalizou uma imagem positiva de si mesmo. A psicanálise freudiana ensina-nos que é a partir do amor de si que o amor voltado para o externo/social poderá ter enquanto possibilidade o de se construir e ser direcionado, a posteriori, para o outro. No entanto, ao refletir sobre a realidade das mulheres negras, especialmente considerando as cicatrizes deixadas pela escravidão e o impacto contínuo do racismo estrutural, – conforme abordado por Silvio de Almeida (2018) em sua análise sobre o caráter sistêmico e enraizado das desigualdades raciais –, podemos perceber como essas vivências influenciam profundamente a forma como elas constroem sua autoimagem e experienciam o amor. Esse legado de opressão estrutural atuou na formação de uma autoestima plena e na capacidade de estabelecer vínculos afetivos saudáveis, dado que a sociedade historicamente marginalizou suas existências e sua capacidade de se relacionar e amar.

Geertz (2001) ainda argumenta que o amor, a emocionalidade e as significações afetivas são partes integrantes da cultura e, portanto, são moldadas e transmitidas por meio de símbolos culturais. Ele propõe uma abordagem semiótica do amor e das emoções, argumentando que os símbolos emocionais são elementos públicos que adquirem significados, formatos e circulação dentro de uma dada cultura. Dessa maneira, ao longo da história, as mulheres negras foram submetidas a uma série de opressões e injustiças, enfrentando a desumanização, o racismo estrutural e o sexismo.

Deste modo, à medida que o amor é socio-historicamente utilizado como uma forma de acesso privilegiado ou restrito a determinados grupos sociais, reforça-se as desigualdades e restringe-se as oportunidades de afeto e relacionamentos para aqueles que não se enquadram nos padrões impostos.

Por isso que se faz urgente a análise crítica das estruturas sociais e do modo como elas moldam a compreensão e a prática do amor, uma vez que a ideia do amor pode ser uma consequência dessas condições históricas e sociais. No caso das mulheres negras, perpassa pela negação desse afeto que se desdobra desde a negação de seu estatuto de sujeito a outros campos,



como a negação de direitos básicos, a marginalização social, a objetificação e a falta de representação positiva na mídia e na cultura, que podem influenciar diretamente a autoestima.

Não obstante, Sueli Carneiro (2005) ratifica:

O dispositivo de racialidade opera a redução e/ ou a negação dos “eus” na dinâmica das relações entre a diversidade humana. A multiplicidade de identidades que entrecortam os indivíduos, contemporaneamente ditadas por suas diferentes inserções ocupacional, de gênero, de classe etc., desaparecem quando adentra o negro. O negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do indivíduo, o negro chega antes do profissional, o negro chega antes do gênero, o negro chega antes do título universitário, o negro chega antes da riqueza. Todas essas outras dimensões do indivíduo negro têm que ser resgatadas a posteriori. Depois da averiguação, como convém aos suspeitos a priori. E como esse negro se recusa a sair desse lugar hegemônico, mesmo após a averiguação ele será submetido a diferentes testes para provar que seja algo além do que um negro. Por isso dirá Frenette que ser negro é não ter descanso. O negro “representado”, construído pelas práticas discursivas congela os “eus” latentes no interior do corpo negro, torna-os dormentes, anêmicos, pulsões irrealizáveis pela tirania do “negro” anexado (Carneiro, 2005, p.131-132).

Além disso, o estigma social e os estereótipos impostos pela sociedade podem gerar dúvidas e inseguranças sobre a própria capacidade de amar e ser amada. Isso pode criar um ciclo no qual a falta de reconhecimento e valorização das mulheres negras contribua para uma percepção negativa sobre sua habilidade de amar.

Judith Butler (2015) e Giorgio Agamben (2010) destacam a importância das condições necessárias para tornar uma vida digna de ser vivida. Butler (2015) aponta que certas condições são fundamentais para a persistência na vida, para se manter frente ao significante “amor”, sugerindo que algumas circunstâncias ou aspectos sociais moldam e sustentam a própria possibilidade de uma vida com dignidade e significado.

Por sua vez, Agamben (2010) enfatiza a responsabilidade social relacionada aos tratamentos diferenciados dados às vidas consideradas valiosas ou sem valor. Ele destaca como mecanismos de gestão e regulação social podem influenciar a vontade de viver das pessoas, a possibilidade de experimentar o amor e de obter dignidade, apontando para uma política que direciona ou restringe a capacidade de escolha sobre a própria vida. Nesse aspecto, quando o corpo da mulher negra está em voga parece não existir possibilidade de o amor surgir. Assim, como é possível amar um corpo multifacetado em violências simbólicas e materiais e que fora simbolizado e lançado para o morrer?

Eis que, então, essa concepção ampliada de amor sugere que este não está limitado apenas aos relacionamentos interpessoais, mas também está intrinsecamente ligado ao modo como a pessoa se relaciona consigo e, conseqüentemente, com o mundo ao redor. Como é visto, a



compreensão do significado do amor é complexa e influenciada por uma gama de fatores sociais, culturais e pessoais que moldam as percepções individuais e coletivas desse afeto.

Porquanto, abordar as experiências afetivas da mulher negra requer uma análise que considere tanto a dimensão subjetiva quanto a coletiva e histórica frente ao processo de escravidão para que, assim, se reconheça a diversidade de vivências nesse corpo-território. Uma maneira de compreender essa complexidade é por meio da abordagem interseccional, que visa examinar como diferentes identidades e marcadores sociais se entrelaçam e influenciam as experiências individuais e coletivas.

Neste cenário, falar sobre amor pode parecer algo complexo e ao mesmo tempo desafiador, justamente por ser esse um escrito que se mantém alicerçado por múltiplos questionamentos, dentre eles: Quando se está em cena o amor, a quem este serve? É possível amar a mulher negra?

### **3 A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: NEGAÇÃO DOS AFETOS**

A diáspora africana refere-se à dispersão da população africana por todo o mundo, especialmente durante o período histórico do comércio transatlântico de escravos. Durante esse processo, houve uma ruptura significativa das comunidades e das identidades culturais africanas, as quais foram forçadas a abandonar suas terras de origem, costumes, língua, sua comunidade, sendo despersonalizados em si e ficando à mercê do espelho eurocentrado imposto pelo ideal de brancura.

A solidão negra, nesse sentido, está ligada à experiência de distanciamento e separação das raízes culturais, da comunidade e da identidade étnica devido à diáspora. O impacto dessa dispersão forçada na identidade pessoal e coletiva das pessoas de ascendência africana foi significativo e permanece ainda na atualidade, sendo reforçado pelos sistemas de opressão que perfazem tais corpos. Ou seja, mesmo após o processo de colonização, essa experiência de diáspora ainda se presentifica.

Vale dizer, ainda, que a solidão pode ser sentida não apenas como um isolamento físico, mas também como uma desconexão emocional e espiritual com as raízes ancestrais, a cultura e a identidade étnica. Esse fenômeno pode afetar a construção da identidade pessoal e coletiva das pessoas de ascendência africana que vivenciaram a diáspora, pois enfrentaram desafios na



preservação de suas tradições e na formação de novas identidades em sociedades muitas vezes hostis ou indiferentes à sua cultura de origem (Nascimento, 2016).

Um dos exemplos das narrativas históricas do processo de escravização colonial pode ser encontrado nas “amas de leite”, mulheres escravizadas que cuidavam dos filhos dos colonizadores, muitas vezes amamentando-os e privando seus próprios filhos desse cuidado para atender às demandas familiares dos indivíduos brancos. Além disso, muitas mulheres negras eram forçadas a manter relações sexuais, inclusive sob coerção e violência, como uma prática de dominação e controle, sem qualquer consideração pelo seu consentimento ou desejo.

O retrato histórico das mulheres negras é marcado pela exploração brutal de seus corpos e emoções, já que essas eram forçadas e frequentemente consideradas como objetos sexuais de satisfação libidinal dos desejos e necessidades dos senhores de engenho (homens brancos). Essas mulheres enfrentaram não apenas a exploração do trabalho, mas também a exploração sexual e emocional, postas enquanto propriedades e designadas enquanto corpos sem autonomia e emoções.

Portanto, é inegável que o racismo de outrora ressignifica e se dá estruturalmente, mesmo no pós-colonialismo, operando, assim, enquanto um papel significativo na limitação das noções de amor e afetando, dessa maneira, as mulheres negras, tornando-as mais propensas a enfrentar a solidão, a falta de modelos e referências afetivas. Reforça também a dificuldade em desenvolver uma compreensão plena sobre o amor, baseada em experiências que se fundam na colonialidade e que permanecem enraizadas em seu cotidiano ainda nos tempos atuais.

Desse modo, o corpo da mulher negra tem sido categorizado socio-historicamente pela via da hipersexualização, da objetificação e/ou da subalternidade. Esse processo está intimamente enraizado nas estruturas sociais, e as mulheres negras, em particular, são frequentemente reduzidas a tais significados, o que pode vir a contribuir de forma significativa com a solidão emocional e afetiva.

Dessa forma, denota-se que a ausência de aceitação, respeito e amor vindos do ambiente externo pode influenciar diretamente a autoimagem e a autoestima de uma pessoa. Se as pessoas negras são constantemente privadas do amor e do reconhecimento pelos outros devido ao racismo estrutural e à discriminação, isso pode resultar em sentimentos de desvalorização, falta de confiança e autoaversão (Bauman, 2004).

Para Pacheco (2008), as mulheres negras enfrentam maiores dificuldades no chamado "mercado matrimonial", onde há menos chances de encontrarem um parceiro em comparação com



as mulheres brancas. Esse dado aponta para desigualdades sociais e estruturais que afetam as oportunidades e o acesso aos relacionamentos para as mulheres negras, ressaltando uma forma específica de solidão social e afetiva que é influenciada por questões raciais e de gênero.

Assim, a solidão emocional e afetiva das mulheres negras não só no campo epistêmico, mas também no campo social, onde a vida pulsa, comumente tem sido negligenciada e pouco discutida, sendo essa uma realidade significativa tanto ao que compete às expressões do amor, quanto ao que se refere a uma problemática política, cultural, social e psíquica. Isso, pois a hipersexualização e a objetificação dessas mulheres podem levar à falta de conexões emocionais e de relacionamentos genuínos, já que são vistas predominantemente através de uma lente sexualizada e subalternizada, sem espaço para reconhecimento e valorização de suas experiências emocionais e intelectuais, sendo tão somente postas e expostas como mercadoria, um corpo-carne em exposição.

Para tanto, Hooks (2000) examina precisamente como as mulheres negras são historicamente colocadas em uma posição que determina seus destinos de maneira restrita, muitas vezes associando-as a papéis específicos ou atribuindo-lhes certos estereótipos sociais. Ela explora também como os processos coloniais e pós-coloniais influenciaram a realidade das pessoas negras, incluindo o distanciamento do conceito de amor. A dada autora, entretanto, chama a atenção para o fato de que mesmo diante dessas disparidades e violências, a capacidade de amar não é totalmente eliminada para a mulher negra, mas é substancialmente afetada. Com isso, ela destaca a importância de se questionar e reconhecer como a opressão sistêmica distorceu e ainda continua a fazer isso com a capacidade de expressar, vivenciar e nutrir relacionamentos baseados no amor ao corpo negro.

Ao tecer essas reflexões, é importante também reconhecer que o amor não é uma questão individual, mas uma questão política e social. Isso significa reconhecer e enfrentar as estruturas de poder que perpetuam a marginalização das mulheres negras. Nesse sentido, é necessário falar sobre o racismo que permeia o amor no contexto das experiências das mulheres negras, questionando quem ele serve e defendendo o direito de que essas experimentem o amor em suas relações afetivo-sexuais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando as dinâmicas dos relacionamentos afetivo-sexuais das mulheres negras, podemos afirmar que tais dinâmicas sofrem atravessamentos cotidianos do racismo estrutural.



Com a influência da colonialidade nas relações de saber e poder, não é distante a influência também no dia a dia relacional. É possível, ainda, problematizar que o amor é uma construção social imposta pela sociedade colonial ocidental e que universalizamos essa construção como modelo de bem viver para toda humanidade. Porém, o processo de escravização escancarou a moralidade ocidental sobre os corpos e, especificamente, o controle da experimentação sobre os corpos das mulheres negras. Conseqüentemente, a solidão emocional e afetiva mostra-se recorrente nos processos de invisibilização.

Portanto, toda tentativa de construção de identidade sofre a desqualificação de discursos codificados sobre os corpos das mulheres negras. No entanto, insistir na desconstrução dos códigos discursivos é o que o campo do conhecimento científico, através das epistemes críticas, deve fazer. Denunciar os processos de desigualdade racial através dos quais o corpo da mulher negra é diretamente afetado foi o que pretendeu essa escrita, ou seja, visibilizar processos históricos enraizados no racismo estrutural que hipersexualizou e negou o direito de existir.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I.** Tradução de Henrique Burigo. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zorge Zahar Editor, 2004.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 20 dez. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; SANTOS, Thereza. **Mulher negra.** São Paulo, Nobel, Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.



- DAVIS, Angela Yvonne. **Mulheres, Raça e Classe**. 1ª ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREUD, Sigmund. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud** (V. XIV, pp. 75-109). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).
- GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras**. Nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000.
- HOOKS, Bell. **Feminismo é para todo mundo: política apaixonada**. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 2015.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2008.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Campinas. 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280705>. Acesso: 20 dez. 2023.
- ROLNIK, Suely. Cidade: entrevista com Suely Rolnik [Entrevista]. **Territórios de Filosofia**. 2014. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/10/24/entrvista-suely-rolnik-suely-rolnik/>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Enviado em: 21/03/2024

Aceito em: 08/11/2024